

## 1.

### Introdução

Ao iniciarmos este trabalho torna-se relevante realizarmos uma explanação sobre o conjunto de fatores que motivaram a escolha pela temática da atuação das Assistentes Sociais na Fundação Leão XIII. Nosso percurso iniciou no aspecto pessoal e se estendeu ao âmbito acadêmico e depois no profissional, o que nos remete ao denominado “mundo da vida”, de Shultz (1979).

Cada indivíduo constrói o seu próprio “mundo”. Mas o faz com o auxílio de materiais e métodos que lhe são oferecidos por outros: o mundo da vida é um mundo social que, por sua vez, é preestruturado para o indivíduo. (Schutz, 1979, p.17).

Nos primeiros anos de minha infância tive que morar com parentes em Caxias, na Baixada Fluminense, devido ao fato de minha mãe ter de trabalhar fora, e não poder contar com o apoio de meu pai ou de qualquer outro parente. A situação era frustrante para mim e deste modo aos nove anos de idade pedi a minha mãe para ir morar com ela. Assim, em janeiro de 1985 durante as férias escolares, fui conhecer minha nova casa que ficava localizada na Favela do Sabão<sup>1</sup>.

Naquela época a favela possuía torno de 1.000<sup>2</sup>, sendo estes em sua maioria pertencentes a famílias que ali residiam desde a constituição da comunidade. Eu e minha mãe éramos uma das poucas famílias que se mudaram para a favela recentemente.

A favela do Sabão encontra-se localizada em uma área privilegiada da cidade de Niterói, estando próxima do Centro e possuindo fácil acesso para o município do Rio de Janeiro, e de São Gonçalo. Os moradores possuíam acesso aos principais equipamentos e serviços oferecidos em um centro urbano, como escolas, hospitais, postos de saúde, comércio abundante, e meio de transporte e um entorno capaz de absorver a mão de obra disponível.

---

<sup>1</sup> O nome da comunidade se refere à antiga fábrica de sabão existente no local e que se encontra desativada há alguns anos.

<sup>2</sup> Associação de Moradores do Aterrado São Lourenço

Fiquei bastante decepcionada quando me deparei com aqueles becos estreitos repletos de casas feitas de madeira, latão e outros materiais que não soube identificar. Nossa casa se destacava das demais, pois era uma das únicas que possuíam paredes de tijolos e uma das poucas que possuía uma fossa sanitária destinada ao esgoto, no entanto o chão era de cimento grosso e não tínhamos água encanada, mas para minha mãe aquela era sua grande vitória, pois era sua primeira casa própria, em todos os sentidos. Isto porque assim como eu, ela também vagara por algumas casas, só que com um agravante: foi abandonada quando muito pequena e perdera contato com os pais e os irmãos desde então. Deste modo aquela casa comprada com seu esforço possuía muitos significados e o fato de ser em uma favela não diminuía seu valor, o importante era que agora possuía o seu canto.

Durante os primeiros meses de moradia na favela, tive contato com algo muito familiar aos demais moradores naquela época do ano: as enchentes de verão. Naquele momento tomei conhecimento com a rede de solidariedade existente entre os moradores das favelas, pois praticamente fui resgatada de minha casa alagada e fiquei em segurança na casa de uma vizinha até que minha mãe chegasse do trabalho.

Cabe apontar que desde minha chegada à favela e até a adolescência tive vizinhos que zelaram por minha segurança e bem estar, e mesmo que não ficasse em suas casas a maior parte do tempo, sempre vinham saber como eu estava e se disponibilizavam a me apoiar caso necessitasse.

Em 2001 ingressei na Universidade Federal Fluminense no curso de Serviço Social. A opção pelo curso de Serviço Social ocorreu a partir da identificação com a área de humanas e o fato de que aos 25 anos percebi não ter perspectiva de mudar os rumos de minha vida caso não tivesse um curso superior.

Fui a primeira de minha família a ingressar em uma faculdade, e o curso de Serviço Social foi um divisor de águas em minha trajetória. Porque me possibilitou acesso a um mundo novo, com novos horizontes e novos conhecimentos que oportunizaram a reflexões e conseqüentemente a construção de uma nova concepção acerca de espaço de moradia que possuía e das pessoas que lá habitam e assim um resgate de identidade social e pessoal. Dentre os

autores que possibilitaram esse entendimento aponto Bourdieu, Raquel Rolnick, Kowarick, Cassab, Abreu.

O ingresso na Universidade se por um lado abriu novos horizontes, por outro me apresentou as barreiras simbólicas que reafirmam a inadequação daquele espaço para uma favelada, pois alguns espaços parecem inalcançáveis, estando em suas estruturas implícito a impossibilidade do acesso daqueles que são vistos enquanto inadequados.

A partir desta premissa uma abordagem que devemos considerar refere-se à concepção de Bourdieu (1997), onde surgem as definições de “espaço físico/espaço social”, no sentido em que o primeiro respectivamente corresponde à localização e o segundo, sendo definido por hierarquizações simbólicas, em uma sociedade hierarquizada, que produz distâncias sociais e “fronteiras naturais”, que culturalmente e socialmente serão automaticamente interiorizadas por esta.

Segundo Bourdieu (1997, p. 161), o espaço em nossa sociedade é hierarquizado, assim como essa sociedade é definida por hierarquias, as quais serão interiorizadas pelos sujeitos através de uma simbologia “natural”, e que irá definir os papéis sociais a partir de uma concepção baseada na “natureza das coisas”. Por exemplo, podemos constatar em diversos espaços, as diferenças sociais entre os sexos, as classes, seja na igreja, na escola, nos lugares públicos, nos *shoppings*, e até no espaço privado da casa. Não sendo necessário que se verbalize essas simbologias, pois naturalmente elas são conhecidas.

Na universidade me deparei com algumas destas barreiras simbólicas, como por exemplo, inicialmente na questão da organização da grade curricular, referente aos horários de aulas, que dificultava a frequência daqueles que como eu, precisavam trabalhar. Deste modo, apesar de não haver tanta disparidade econômica entre os alunos, aqueles que possuíam uma situação financeira melhor e não precisavam trabalhar conseguiam se adequar aos horários das aulas.

Enquanto estratégia para ultrapassar este obstáculo “simbólico” e permanecer no curso, candidatei-me, no segundo ano ao Programa Bolsa-Treinamento<sup>3</sup>, tendo sido selecionada para a função de bolsista de Serviço Social

---

<sup>3</sup>O programa visa atender ao aluno de graduação, propiciando auxílio-financeiro para sua manutenção na Universidade, através da atuação em campo de trabalho cujas atividades estejam, preferencialmente, relacionadas à área de formação acadêmica”

no projeto “Crianças, Territórios Estigmatizados e Educação Ambiental”<sup>4</sup>; no qual atuei o período de 2001 a 2004. Foi através do projeto que tive o primeiro contato com a questão da vulnerabilidade social vivenciada por grande parte da população, assim como o papel do Estado nessa situação e todo contexto econômico, social e político que envolve os mecanismos de exclusão.

A proposta do projeto era a realização de uma pesquisa participante junto aos alunos do CIEP Carlos Marighela, na faixa etária de sete a 12 anos, visando construir uma metodologia que viabilizasse a participação delas na organização do seu espaço de moradia. Deste modo, o ponto central da pesquisa estava focalizado na participação das crianças moradoras de um espaço urbano estigmatizado.

O projeto era desenvolvido na ilha de Itaóca<sup>5</sup>, um bairro localizado no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, e que ocupa uma das mais baixas colocações em termos de serviços e equipamentos urbanos.

Os principais estigmas eram: local violento, sujo, muito distante, precário, situação essa que fazia com que a maior parte das crianças omitisse o fato de que eram moradoras de Itaóca. Era difícil reconhecerem também as belezas naturais locais, já que esses não eram considerados em seu potencial turístico.

Esta realidade vivenciada em Itaóca possibilitou-me uma maior compreensão acerca da estigmatização sofrida pelas áreas urbanas sem serviços de saneamento e equipamentos urbanos, os impactos que acarretavam na vida das crianças e alguns dos mecanismos de manutenção dos estigmas.

O envolvimento com o projeto e conseqüentemente a questão da territorialidade acabou por se tornar o tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), produzido no ano de 2004, no qual relatei a experiência no projeto, abordando a problemática relacionada à questão das políticas sociais nos espaços urbanos brasileiros (em particular os estigmatizados), percebendo nesta um campo de extrema importância para a atuação do Serviço Social.

Além disso, meu TCC também apontava para a questão das novas demandas que se apresentam para o profissional no campo da gestão de políticas sociais voltadas para os moradores dos espaços estigmatizados, considerando que o Assistente Social é um profissional capacitado teórico e metodologicamente,

---

<sup>4</sup> Surgido após a realização da dissertação de Mestrado “A criança de favela e a representação social de favela e favelado”, apresenta no Programa de Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social da UFRJ.

<sup>5</sup> Situada no entorno da Baía de Guanabara.

para atuar tendo em vista sua inserção histórica nos espaços estigmatizados, como por exemplos os morros e favelas.

Minha posterior inserção na Fundação Leão XIII enquanto estagiária determinou novos parâmetros para reflexão e se constituiu em valiosa contribuição para a realização desta pesquisa.

## 1.1.

### **A construção do Objeto**

No ano de 2003, iniciei o estágio na Fundação Leão XIII, tendo sido esta minha experiência na área da assistência e que veio a determinar a minha identificação com a mesma. Esta identificação se deveu tanto ao fato dela se constituir em um direito de cidadania, conforme previsto na Constituição Federal, e ainda por ser um instrumento indispensável no combate a pobreza.

Meu estágio foi desenvolvido na Divisão de Serviço Social, na qual era realizado o atendimento dos servidores da Fundação, que naquele espaço, se tornavam usuários dos serviços assistenciais oferecidos pela instituição. No decorrer de minha atuação na Fundação pude perceber que seus funcionários encontravam-se inseridos em um panorama de empobrecimento do funcionalismo público. Tal situação atingiu os níveis mais profundos no período do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), quando ocorreu a efetivação do que Behring (2003) denomina de uma combinação do desmonte do Estado e desmanche do Estado de Direito Social, em atendimento a agenda neoliberal.

A situação de precariedades vivenciadas pelo servidor público era um dos exemplos deste desmonte do Estado no Brasil, em que é disseminada uma estratégia de desvalorização do setor público, visto enquanto um elemento que onera o país, não sendo eficaz em seus objetivos. Esta imagem de ineficácia justificava o enxugamento da máquina estatal através da falta de investimento do Estado em equipamentos, infra-estrutura e achatamento salarial, conforme expresso na seguinte citação:

Sob o recorrente argumento da necessidade de “reformas”, junto com aquilo que poderia ser considerado o “velho” e que de fato poderia ser “dispensado”, jogou-se fora uma série de instrumentos do Estado vitais para qualquer projeto que levasse em conta o seu fortalecimento numa perspectiva de mudança “não-neoliberal”. (Soares, 2004, p.7).

Esse quadro foi determinado pela crise do capitalismo cujo modelo de superação foi o neoliberal. O qual possuía um posicionamento quanto à proteção social, sem tanta preocupação com o social por parte do Estado, não tendo como meta o desenvolvimento social para alcançar o econômico. Nesta perspectiva a responsabilidade social do Estado é repassada para o setor municipal, filantrópico e privado, proporcionando sérias conseqüências para os países periféricos.

A Fundação Leão XIII neste contexto encontrava-se em estado de abandono, em razão da falta de recursos humanos e materiais, a precarização salarial e das condições de trabalho resultando em um quadro de insatisfação e desmotivação, caracterizado por diversas doenças relacionadas ao desgaste físico e emocional (doenças cardíacas, hipertensão, diabetes, depressão, dentre outra). Um outro agravante neste quadro podia ser percebido no nível de comprometimento físico e psicológico vivenciado pelo servidor da Fundação, refletindo-se nos inúmeros casos de dependência química (álcool e drogas ilícitas).

As questões aqui referenciadas eram alguns dos fatores que contribuíam para os problemas no relacionamento entre o servidor em seu ambiente de trabalho, assim como também teremos presente na prática deste a revolta pelas dificuldades vivenciadas, resultando deste modo no comprometimento do trabalho realizado seja no mau atendimento dispensado ao usuário ou nas faltas constantes.

Nesse cenário havia as Assistentes Sociais. Elas encontram-se inseridas no panorama de empobrecimento. No entanto para estas profissionais os rebates das perdas salariais estiveram mais relacionados à queda do *status* adquirido outrora, do que necessariamente a sua sobrevivência.

Apesar de não ter sua sobrevivência comprometida o Assistente Social, profissional de nível superior e autonomia profissional também serão afetados pelos impactos do desmonte em sua prática profissional, pois sua atuação estará condicionada ao contexto dos profissionais de apoio da instituição, assim como ainda serão de suma importância para o atendimento dos usuários as condições física e material oferecida pela instituição.

Assim ao nos referirmos a situação de precariedades vivenciadas pelos servidores da Fundação, apontamos a estrutura física da instituição em razão da diminuição dos gastos públicos, encontrado-se com suas unidades de atendimento em estado de deteriorização e destituídas de meios básicos para seu pleno funcionamento, sendo visível a situação de portas e janelas quebradas, pixações, sujeira e os aspectos de abandono e má conservação. Na estrutura material destaca-se a falta e/ou escassez de materiais de consumo necessários para o atendimento dos usuários.

Deste modo cabe apontar que será esta instituição precarizada tanto na sua estrutura física e material quanto de recursos humanos que terá um aumento significativo de sua demanda, constituída pelos “novos trabalhadores da crise”, os quais estarão inseridos em um contexto de reestruturação do mercado de trabalho norteados pelas modalidades da terceirização, flexibilização, polarização e polivalência e que por fim tornam-se clientes da assistência social, Mota (1995).

E deste modo chegamos ao nosso problema de nossa pesquisa: identificar os desafios para o exercício da profissão de Assistente Social em um contexto de aumento da demanda, empobrecimento e sucateamento das instituições.

Interessou-nos verificar como os profissionais da Fundação Leão XIII poderiam: a) Ultrapassar o assistencialismo; b) Manter o compromisso com a qualidade dos serviços prestados; c) Incentivar a participação dos usuários nas ações realizadas no espaço institucional.

O nosso trabalho de pesquisa foi realizado na unidade da Fundação Leão XIII de Vila Ypiranga, localizada na favela de mesmo nome, bairro do Fonseca, na cidade de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro.

O presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: introdução, na qual detalho a trajetória de construção do objeto, capítulo dois, no qual realizo uma análise do processo de implantação da agenda neoliberal no Brasil e no mundo, assim como apontamos os resultados das políticas de cunho neoliberal no Estado de Bem Estar Social vigente.

Capítulo três, onde enfoco as origens do Serviço Social e das instituições de assistência no Brasil, destacando o contexto em que surgem, conforme os interesses da Igreja Católica, do Estado e do empresariado. Também abordo a assistência em âmbito estadual, aprofundando a abordagem na Fundação Leão

XIII, destacando suas origens a partir de articulação entre a Igreja e o Estado objetivando uma ação educadora junto às populações faveladas.

Ainda neste capítulo apresento a unidade de Vila Ipiranga da Fundação Leão XIII, suas origens, sua atual estrutura física, a equipe de profissionais envolvidos e os serviços oferecidos. Finalizando o capítulo três realizo uma análise da atuação dos Assistentes Sociais na Fundação Leão XIII conforme a perspectiva de disciplina e controle ideológico que caracterizam as origens da instituição. Também aponto para uma atuação pautada na reflexão ética, na democracia e na liberdade, baseada na legislação da profissão, conforme previsto em documentos como o Código de Ética, SUAS (Sistema Único da Assistência Social), Política Nacional de Assistência Social.

No capítulo quatro apresento a metodologia utilizada, e os resultados da pesquisa, identificando as estratégias de enfrentamento dos desafios construídas pelas Assistentes Sociais em sua atuação cotidiana no contexto das políticas neoliberais, destacando as estratégias utilizadas pelas profissionais para superação do mesmo.

Finalizo com as considerações finais onde discuto as principais questões constatadas na pesquisa, assim como as propostas para superação do contexto analisado.